

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

POLÍTICA GOVERNAMENTAL

ESTA DISTINÇÃO DA UNIVERSIDADE ABRANGE TODO O POVO BRASILEIRO

considerou o presidente Sarney ao ser doutorado «honoris causa»

Com a pompa e o colorido de secular ritual acadêmico, o presidente Sarney recebeu ontem, de manhã, o grau de doutor «honoris causa» pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, afirmando depois à reportagem JN considerar que «esta distinção abrange todo o povo brasileiro».

José Sarney chegou a Coimbra cerca das 10,30 horas, em comboio especial, acompanhado pelo presidente Mário Soares, segundo logo para a Universidade. Depois de ter envergado, na reitoria, o traje acadêmico tradicional — uma longa batina negra — o presidente do Brasil dirigiu-se à Biblioteca Jomina, de onde saiu o cortejo dos doutores das diversas faculdades, com as respectivas insígnias coloridas — a boria e o capelo. À frente, os arceiros (guardas da universidade), com o seu uniforme medieval, e a «charamela» (orquestra da universidade).

Por entre entre compactas alas de estudantes de capa e batina, o cortejo avançou até à «Sala Grande dos Actos», onde se desenvolveram as cerimónias do doutoramento.

Presentes, além de Mário Soares, os ministros da Educação e dos Negócios Estrangeiros, e muitas outras destacadas individualidades.

Como é da praxe, começou por usar da palavra José Sarney, na sua qualidade de candidato ao título de doutor, que diria estar ali «carregado de lembranças permanentes, não daquelas que a vida vivida acumula na memória, sedimentadas pela experiência e, sim, das que nos vêm dos livros, das conversas, das crónicas de jornal, com transante das vivências alheias».

Sarney salientou depois que «foi aqui que se formaram os mestres que deram as glórias da cultura literária à minha terra natal», lembrando que era para Coimbra que vinham os estudantes do Maranhão, quando os de outras partes do Brasil iam frequentar as universidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo e acrescentou:

«Era mais fácil estudar em Portugal do que em Pernambuco. Por isso mesmo, realismo ali este milagre: não precisámos de ter em São Luís qualquer Instituto de ensino superior, além do velho Seminário de Santo António, para conquistar, no séc. XIX, a promíscua intelectual que nos confere um espírito à parte da história da nossa cultura».

Evocou depois diversas e destacadas figuras da cultura brasileira, que passaram pela Universidade de Coimbra, sublinhando que, em 1838, aqui chegou um cabido maranhense de 15 anos, chamado Antônio Gonçalves Dias, que durante sete anos, viveu a vida boémia

de estudante pobre, torturado». E continuou: «Foi em Coimbra que Gonçalves Dias escreveu o mais belo, o mais conciso e o mais popular dos poemas líricos brasileiros, a «Cântica do exílio», que todo o brasileiro repete, emocionado, sempre que o sentimento do desterro nos aperta e corrompe».

Após aludir à importância de Eça de Queirós, para o renascimento do romance brasileiro, Sarney frisou que «as gerações preparadas por Coimbra ressuram no Brasil, participando no seu processo histórico, quer no plano das ideias políticas, quer no plano das ideias literárias». E acrescentou:

«Razão casista o estudo do presidente Tancredo Neves, quando agradeceu à Universidade de Coimbra a preparação dos líderes políticos que fizeram a independência do Brasil. A nossa autonomia política tem a singularidade de nos manter fiéis às nossas origens, sem prejuízo da nossa consciência nacional. Com razão, afirmava Joaquim Nabuco, num dos seus estudos literários, que as duas maiores obras de Portugal são «Os Lusíadas» (o plano da

criação intelectual) e o Brasil (no plano da criação social e política). As nossas primeiras lideranças nasceram nestas salas, nestes corredores, nestes pátios. Aqui se formaram os nossos doutores, aqueles que moldaram o país com a sua consciência autonómica, preservando os valores de que nos orgulhamos: a língua, a unidade física, o sentimento cristão, a vocação da liberdade, o gosto de construir e realçar» — disse.

Sarney lembrou depois: «Entre nós, foi aluno e professor o homem que organizou o nosso processo de independência, o sábio José Bonifácio de Andrada e Silva». Referiu-se também a Bandeira Tribuzzi, poeta que, igualmente, estudou em Coimbra, e classificou-o como «o mais alto da minha geração», de tal forma que, pouco antes de morrer, ainda escrevia versos evocando Coimbra.

E continuou: «Sobre Coimbra, nada mais tem a dizer-se. Ela é maior que a soma de todos os que foram e são. Não é mais um prédio, os professores ou alunos, os que a ela

estão vinculados pela glória com que se cobriram, ou pelo anonimato em que desapareceram. É porque ela, sendo tudo isso, é mais, pela carga da história e pela força da sua instituição. Ins-

tituição que está aqui e está no Brasil. Atravessando os oceanos. Está aqui e está lá. Tem várias e é uma só. É realidade e é uma nuvem».

Depois de se afirmar «grato e comovido», ao receber o título de doutor «honoris causa», José Sarney sustentou que «nunca será de mais repetir que o conceito de universalidade e o sentimento de ser um só o género humano surgiram e ganharam corpo nesta terra e afirmaram-se dentro destes muros, entre aqueles que temos, os de... povos, como

nossa comum ascendência, e que o saber de experiência, de olhar, palpitar, ouvir, sentir e viver, aqui, nesta terra que foi o fim de um mundo e o começo de outros, assumiu o desenho sobre o qual se ergueu o edifício da modernidade».

A concluir, o presidente brasileiro afirmou:

«Saúdo a Universidade de Coimbra, que sempre viveu em mim e era um horizonte distante, que está perto e está longe, nos mares que atravessaram e que nos atravessaram. Ela é feita de saber. A única força que aproxima o homem da eternidade, entre poesia e crivo; cravos de Portugal, poesia do nosso amor».

• Cumplicidade

Tomou da palavra o

prof. dr. Gomes Canotilho, encarregado do elogio de José Sarney, que evocou a visita de Tancredo Neves, o ano passado, aquele mesmo local, bem como os graus semelhantes antes conferidos pela Universidade de Coimbra aos presidentes brasileiros Café Filho, Kubitschek de Oliveira e ao próprio Tancredo Neves. E sublinhou:

«Dir-se-lhe existe entre a Universidade de Coimbra e a República do Brasil, simbolizada pessoalmente no

seu presidente eleito, uma renovada cumplicidade legitimadora. A Faculdade de Direito, a quem cabe a hon-

ra de conceder o grau e as insígnias de doutor «honoris causa», sente-se orgulhosa por se associar, de forma pública e solene, aos momentos pendulares do humanismo político brasileiro».

E continuou: «Ser-me-lhe extremamente grato traçar o perfil do lídimo representante da grande pátria brasileira, edificando um discurso com «pedras lavadas e limpas» e não com

«prosa dura e grave», que cansa quem a ouve, como, infelizmente, acontece com a nossa fala».

Gomes Canotilho citou depois poemas do próprio Sarney, para aludir ao seu nascimento, referindo-se também à sua actividade na política, na literatura e no

journalismo. Salienta a sua luta pelo progresso do Maranhão, onde nasceu, que culmina com a «retumbante vitória eleitoral, legitimadora do cargo de governador do Maranhão». Disse ainda que «venido o desafio de Maranhão, restava a aposta do Brasil», pelo que «o salto de região para a nação foi a resposta do bem sucedido governador maranhense às suas próprias dúvidas e perplexidades».

E continuou: «José Sarney e todos os brasileiros comprometidos no processo de redemocratização, quer tenham sido líderes no campo autoritário, quer tenham adoptado posições liberais ou democráticas no âmbito da Opção — compreendem que os povos se levantam e organizam quando acreditam nas suas próprias forças e deixam de servir apenas como estagões detestativas de manúrgios, magéguas e pilhagens. A experiência política adquirida como deputado, senador e governador, é posta ao serviço do povo brasileiro».

Mais adiante, Gomes Canotilho salientou:

«Nunca atitudes sem precedentes, justamente saudadas como proposta emancipadora dos povos subdesenvolvidos, o Governo do Brasil não hesitou em proclamar, perante os credores internacionais que a dívida externa devia ser paga, porque os países não para cumprir, mas a fatura não pode nem deve ser a fome, o desemprego e a liquidação do regime democrático. A defesa da economia ao serviço do homem e das povos não se secundarizava a uma opção conjuntural do doutoramento que tanto a honra de apresentar, aderir ao bloco «Bossa Nova», nome que, no seu vanguardismo, significava fundamentalmente a exigência de simultaneidade do crescimento e desenvolvimento, de acumulação de riquezas e de justiça social».

Gomes Canotilho salientou também o papel de Sarney nas medidas protectoras dos menores e no problema da terra, para relevar a reiteração da defesa da identidade cultural do povo brasileiro», sublinhando:

«José Sarney não levou apenas a poesia ao Podes. O outro lado do homem — e de escritor e poeta sem política — justificaria, talvez, no domínio das humanidades, igual honra de sagrar-se em doutoramento».

O professor da Faculdade de Direito diria ainda que José Sarney se tornou imortal nas letras e «é justamente considerado como uma

das figuras mais fascinantes da história política do Brasil contemporâneo, concluindo com a afirmação de que esta concessão do grau de doutor é uma hora para a Faculdade de Direito de Coimbra».

• Padrinho

Usou, por último, da palavra o prof. dr. Lopes Porto, para tecer o tradicional elogio ao padrinho do doutorando, que foi o prof. dr. Férreir Correia, reitor honorário da Universidade de Coimbra.

Começou por fazer breve referência a José Sarney, que considerou como «mais um lídimo representante da integração cultural em que a língua portuguesa se foi difundindo e enriquecendo, numa expressão de unidade que os séculos não conseguiram abalar».

Evocou depois, muitas das realizações de Sarney que estudaram na Universidade de Coimbra, ou que nele ensinaram, para continuar:

«Mas não pode deixar de sublinhar-se também o contributo que o Brasil sempre deu à Universidade de Coimbra, valorizando-a de modo indelével com os alunos e docentes de lá naturais, prestigiantes da escola que os ajudou na sua formação (...). Creio valer a pena, quando se divisa esperança,

samente a abertura de novos campos de cooperação entre os nossos dois países, aprofundar o conhecimento do papel dos brasileiros nesta Universidade que é de todos nós».

Lopes Porto fez depois um extenso elogio de Férreir Correia, focando a sua notável actividade nos mais diversos domínios.

Seguiu-se o cerimonial de entrega das insígnias e do grau de doutor «honoris causa», tendo José Sarney, já com o anel, a boria e o capelo, ido abraçar todos os professores doutorados ali presentes, agora seus pares.

José Sarney, Mário Soares e os outros membros de ambas as comissões seguiram depois para o Palácio de São Marcos, onde lhes foi oferecido um almoço e onde se trocaram lembranças.

No reitorado de Rui Alarcão SÓ TANCREDO E SARNEY FORAM «HONORIS CAUSA»

José Sarney foi o sexto chefe de Estado a visitar a Universidade de Coimbra durante os dois reitorados do actual reitor, Rui Alarcão.

Desses seis chefes de Estado, apenas Tancredo Neves e José Sarney foram doutorados «honoris causa» pela Universidade.

O reitor da Universidade de Coimbra e conselheiro de Estado, Rui Alarcão, considerou a proposta da visita de José Sarney que «abre novas perspectivas de cooperação científica e cultural entre os dois países».

«Essa cooperação existe e tem-se desenvolvido, mas está ainda longe do que deveria e poderia ser», sublinhou.

Em sua opinião, é necessário dinamizar a mobilidade dos docentes e investigadores dos dois países, bem como dos estudantes, por forma a solidificar as relações culturais e científicas.

Para Rui Alarcão, o doutoramento «honoris causa» de José Sarney «vale como um símbolo de fraternidade», e também de «solidariedade entre as instituições universitárias brasileiras e portuguesas».

«No entanto — observou —, se é certo que, em primeira linha, é com as universidades que se traduz essa fraternidade e solidariedade, não é menos certo que não pode subestimar-se a colaboração intergovernamental entre os dois países».

Para além disso, na perspectiva de Rui Alarcão, o doutoramento traduz o reconhecimento de José Sarney como um homem de cultura e como estadista.

«O doutoramento e a visita do presidente brasileiro exprimem ainda o reconhecimento do lugar privilegiado que o Brasil ocupa no pensamento e no coração dos intelectuais e dos portugueses em geral».

Doutoramentos - Honoris causa
na Univ. Coimbra

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31